

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: YVONNE RAINER
27 de Setembro de 2023

RAINER VARIATIONS / 2002

Um vídeo de Charles Atlas

Realização e montagem (uma vídeo-montagem por): Charles Atlas / A partir de material original de Gregg Bordowitz e Yvonne Rainer e excertos dos filmes de Yvonne Rainer e do arquivo de Rainer / Câmara: Robert Alexander, Roddy Bogawa, Michael Fajans, Mary Patierno, Jason Simon / Som: Harriet Hirshorn, Alisa Lebow / Entrevista com Yvonne Rainer / Performers: Gregg Bordowitz, Kathleen Chalfont, Richard Move e Yvonne Rainer.

Produção: Charles Atlas (Estados Unidos, 2002) / Cópia: em ficheiro (suporte original em vídeo), preto e branco e cor, versão original inglesa com legendagem electrónica em português / Duração: 42 minutos / Primeira exibição pública: 2004 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

NOTA SOBRE A CONVERSA APÓS A EXIBIÇÃO FILME:

A exibição de **Rainer Variations** será seguida por um debate sobre a obra de Yvonne Rainer, organizado em parceria com a BoCA - Bienal of Contemporary Arts, com as participações da escritora, artista, performer e ativista Gisela Casimiro, do coreógrafo, curador e investigador, João dos Santos Martins, e de Jorge Jácome, cineasta. O debate tem moderação de Cláudia Galhós, jornalista, e de Joana Ascensão, programadora da Cinemateca e abordar-se-á a dicotomia do seu trabalho do corpo em palco na sua relação com o cinema, assim como os contextos da vanguarda onde Rainer se insere e o impacto da sua obra na produção artística portuguesa.

Rainer Variations apresenta de entrada Yvonne Rainer como parte de um colectivo de bailarinos, artistas, músicos, que formaram o Judson Dance Theater ou como a madrinha da dança “pós-moderna”, que depois de anos na dança deslocou a sua criatividade para a arte do cinema. De seguida passamos para excertos dos seus filmes, que reenviam para a ideia de que mesmo os seus filmes sempre foram muito “cerebrais” (**Film about a Woman Who...**, **Journeys from Berlin/1971**, **The Man Who Envied Woman**, etc.), neles experimentando toda uma série de variações em torno de questões temáticas e formais.

Rainer começa por abordar a questão da vanguarda nas várias artes, da música de John Cage e os seus processos aleatórios, à dança, relacionando o seu trabalho com o minimalismo. O que vemos de seguida é Rainer a explicar a Richard Move, que assume o papel de Martha Graham, os gestos de uma das suas mais célebres coreografias “Trio A”(1965), que se segue num registo a preto e branco filmado em 1978 com Rainer como protagonista. “Trio A” é o exemplo perfeito da já mencionada cerebralidade da dança de

Rainer, tendo sido pensada como a primeira parte de uma performance que teria como título “The Mind is a Muscle”, na Judson Church, a “sede” do colectivo já mencionado em Manhattan, e onde se inventavam os preceitos da dança e da arte pós-moderna. Face a “Trio A” compreendemos o minimalismo envolvido na dança de Rainer, a sua predilecção pelos mais simples gestos comuns, muitas vezes associados em séries de frases sem ligação aparente. Richard Move/Martha resiste à “não teatralidade” e ao “anti-dramatismo” pedido pela sua “professora”. E se nesta “vídeo-montagem” a bailarina Martha Graham é interpretada por outra personagem que dela se distancia, o mesmo acontecerá com Yvonne Rainer enquanto entrevistada, pois o seu corpo e as suas palavras desdobrar-se-ão por vários performers, que atestam uma ideia de desdobramento permanente de si, que encontramos em personagens de vários dos seus filmes que de algum modo fazem jus às experiências mais radicais de Buñuel (**Chien Andalou** é citado na entrada de **The Man Who Envied Woman**), num encontro prolífero que nos leva a uma ligação entre as várias vanguardas.

Autora do “No Manifesto” – do não ao heróico ou ao anti-heróico, do não ao espectáculo ou a uma abordagem virtuosa da dança –, percebemos através das suas palavras, como Rainer transporta tal atitude para o cinema, primeiro para uma série de filmes curtos (que não veremos neste Ciclo) e depois para as longas-metragens, que se revelam como extremamente fragmentadas, se bem que sigam uma linha narrativa que se torna progressivamente mais clara com o passar dos anos. A vontade de uma audiência mais vasta, associada à vontade de abordar mais explicitamente temas sociais e políticos que se impunham, está na origem do seu abandono da dança por alguns anos e da sua opção pelo cinema, um cinema naturalmente minoritário, conotado com o que de mais experimental se fazia em Nova Iorque nesses anos sessenta e setenta. São muitas as referências ao cinema de Hollis Frampton, de Michael Snow misturadas com a arte de Robert Morris ou de Donald Judd. “Para mim a mudança da dança para o cinema teve a ver mais com um casamento com os movimentos políticos e sociais”. Movimento em direcção a uma arte politicamente empenhada, que se afasta da arte pela arte, em que a linguística desempenhava um papel essencial. As contradições da vida quotidiano surgem assim abordadas na relação das “palavras e as coisas”, a que o seu cinema (às vezes mudo), dá voz. Contradições em que emerge a importância do feminino, e um feminismo crescente, reflexões em torno do envelhecimento, da gentrificação das cidades, do aumento do fosso entre ricos e pobres.

Nestas “variações” aborda-se a polifonia do trabalho de Rainer, da dança ao cinema, passando por experiências com a poesia ou com instalações visuais, para nos últimos anos regressar à dança. “A minha tolerância para a duração distendida foi diminuindo com os anos, talvez pela aceleração da arte e da vida”, diz a dada altura. Ideia que de algum modo traduz a evolução do seu pensamento coreográfico, mas também de um cinema, progressivamente mais narrativo e mais próximo do cinema dito convencional. **Murder and Murder**, o seu último filme será o que mais se distancia dos restantes, como aliás perceberemos por este retrato híbrido e impressionista, realizado por outro artista, Charles Atlasa, a convite da própria Rainer.

Joana Ascensão